



O Camponês

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

AMIGO!

A saída deste jornal representa um grande esforço. Não o destruas, fa-lo chegar a um teu companheiro.

TAL COMO OS HOMENS, AS MULHERES DEVEM DE IR À PRAÇA DE JORNAS

As inúmeras lutas travadas pelos operários agrícolas através das praças de jornas, bem demonstram a importância que a utilização destas têm para a conquista de melhores salários durante as épocas normais de trabalho. É ali que, unidos, os trabalhadores melhor fazem frente às arremetidas dos patrões, desejosos por pagar salários de fome e de explorar ao máximo o nosso trabalho.

Em muitos terras, somente os homens comparecem na praça, o que não está certo. As mulheres, tal como os homens, devem de ir à praça de jornas. Na praça, tal como os homens, devem discutir as

condições de trabalho e de jorna.

Dada a ausência das mulheres nas praças de jornas, os patrões impuseram em muitas localidades o hábito de o salário destas ser metade do salário dos homens, lá condescendendo às vezes, quando focados pela luta, a pagar um pouco mais. Tudo isto por as mulheres aceitarem, duma maneira geral sem luta, tal situação.

A ausência das mulheres nas praças de jornas prejudica não só os seus salários como também os salários dos homens. Quantas vezes os lavradores não metem mulheres em vez de homens? Quantas vezes as nossas mulheres não

fazem o trabalho que nos pertence fazer, ganhando metade do nosso salário, ou pouco mais, ficando nós à boa-vida? Estará isto certo? Devemos continuar a consentir-lo? Não! Devemos esclarecer as nossas mulheres de que, no interesse de todos, devem de ir à praça como nós e aí discutir os salários e condições de trabalho. As mulheres não devem aceitar que os seus salários sejam regulados pelos salários dos homens, e muito menos devem consentir fazer trabalhos pesados, ou normalmente realizados pelos homens, a preços de miséria. Ao consentir-lo, não são só as nossas mulheres que estão a ser exploradas. São elas e somos nós. É no fim de contas, o conjunto do nosso salário familiar que fica grandemente diminuído.

O serviço feito normalmente pelos homens, deve ser pago às mulheres pelo mesmo salário que os homens receberiam se fossem eles a fazê-lo.

A presença das mulheres nas praças de jornas é do interesse de todos os trabalhadores. Quanto mais formos a discutir os nossos interesses, mais força teremos e mais nos poderemos impor na luta que é de todos.

Eclaireçamos as mulheres da necessidade da sua presença nas praças das jornas.

Unidos, somos uma força capaz de impedir salários de miséria.

Levemos as mulheres às praças de jornas!

Apoiemo-las na sua luta que é a nossa!

SALVEMOS OS PRESOS POLÍTICOS

A vida dos presos políticos corre perigo. O governo fascista batido por todos os lados, vendo aproximar o seu fim e sem qualquer possibilidade de poder sair da situação em que se encontra, descarrega toda a sua fúria contra os presos políticos.

Os presos de Peniche ultimamente têm enfrentado toda a ferocidade dos carrascos. Não terminam uns castigos já a PIDE impõe outros. Os carcereiros investem pelas celas dentro fazendo espancamentos em massa. Ainda em Outubro, Dias Lourenço, José Carlos, Lindolfo, Diogo Velez, Joaquim Carreira, José Rolim, Adelino Pereira e outros, foram alvos duma agressão deste género. Mas, apesar destas brutais arbitrariedades, os presos, políticos continuam a lutar mesmo nas condições mais difíceis. Eles não vergam, e assim aconte-

ceu ao serem espancados, gritando: « Queremos visitas » « recreio » « convívio » « inquérito » « nazis » « fascistas », isto durante dez minutos. Novas ameaças com o fuzilamento e mais castigos foram anunciados no dia seguinte.

Apesar da fortaleza estar bem guardada e os presos políticos estarem sob vigilância constante, chegou um apelo seu cá fora pedindo que os ajudemos na sua luta.

Nós, trabalhadores do campo, que sabemos quanto eles sofrem por quererem atenuar o nosso sofrimento, não podemos ficar indiferentes a este comovente apelo.

Trabalhadores do campo, escrevamos cartas e postais ao Director da fortaleza de Peniche. Escrevamos nas estradas e nos muros para que cessem as violências aos presos políticos. Exigimos a sua libertação.

Couço — Os trabalhadores pela sua luta, nas ceifas, conquistaram 40 e 45\$00, tendo começado ao princípio a 30 e 32\$00. Os homens ganharam sempre mais um \$100 que as mulheres.

Também o 1º de Maio foi comemorado pelos valentes trabalhadores desta terra, declarando-se em greve todos neste dia.

Montargil — O 1º de Maio também foi aqui comemorado pelos trabalhadores, não comparecendo ao trabalho a grande maioria.

S. Cristóvão (Montemor-o-Novo) — O 1º de Maio foi comemorado com paralização geral de trabalho. Os trabalhadores fizeram feriado e o povo foi festivamente para a rua.

Enraivecido por os trabalhadores comemorarem condignamente o seu dia, o 1º de Maio — Dia Internacional Dos Trabalhadores — logo o patronato exerceu represálias. Um tal sr. Picaró, feitor de importante casa agrícola, despediu todos os trabalhadores da terra, mandando buscar pessoal fora.

Palmela — Em toda esta região, nas vindimas, foram conquistados ordenados de 38 e 39\$00, mulheres e homens, respectivamente.

Lagameços — Também nas vindimas 32\$50 mulheres e 35\$00 homens.

Pocelão e Aguas de Moura — Os ordenados, no mesmo trabalho, foram de 26\$00 as mulheres e 27\$00 homens, ordenados mais baixos que nas outras regiões mas mais elevados que os outros anos.

Nestas mesmas regiões nas ceifas do arroz conquistaram-se 25\$00 e 30\$00 respectivamente.

Alcácer-do-Sal — Devido à pouca unidade e falta de luta os ordenados na ceifa do arroz não ultrapassaram os 18\$00.

Odemira — Devido ao desemprego, e ordenados baixos, está muita gente a fugir da região. Os agramos queixam-se dos trabalhadores não se sujeitarem como antes com aquilo que lhe davam.

Loulé — O fascista José Fragozo trazia 5 trabalhadores ao seu serviço a 35\$00, precisando de mais trabalhadores para pagar 40\$00 porque eles não vinham por menos. Assim que estes chegaram os que ali andavam exigiram também os 40\$00 que o Fragozo teve que pagar no fim de se convencer que eles não trabalhavam já pelo preço

anterior.

Almancil — Francisco Pinto Canesca, não quer dar as 8 horas ao pessoal, como nem um trabalhador da região quer trabalhar para ele, trás agora só ciganos ao serviço.

Loulé (Vale-Judeu) — nesta região os operários agrícolas conquistaram nas ceifas 50\$00 de jorna, uma arroba de figos secos e 5 litros de vinho, o que dá um salário médio de 100\$00.

Grandola — Na propriedade Mina Gonçalves, um rancho foi pegar ao trabalho sem preço estabelecido, mas todos combinados que não recebiam menos de 30\$00. Quando o patrão veio para pagar 25\$00 estes não receberam acabando o patrão por pagar o que eles pediam.

Santiago do Cacém — Para o arranjo da estrada Santa-Margari da da Serra à Cascalheira, a Câmara precisava de 40 homens que arranhou com facilidade nesta localidade. Quando se dispunham a pegar no trabalho, perguntando o ordenado, souberam que era de 25\$00 e ainda desconto de \$50 para a ferramenta. Todos à uma responderam: venham os da Câmara trabalhar e, avisaram a seguir: a Câmara que não caia na asneira de mandar para cá homens de fora, porque se isso acontecer, são corridos à purrada.

Cachopos (Alcácer-do-Sal) — José Fernandes, proprietário, quiz obrigar um jovem a fazer serão, este entendeu que não devia fazer, pois já trabalhara o tempo suficiente para coçar o corpo. O bandido do Fernandes vingando-se despediu-o a ele e a toda a família, 7 pessoas. Valentes trabalhadores de Cachopos, organizai a luta contra José Fernandes e outros exploradores.

Silves — Os camponeses deste concelho lutam para que a lei que os proíbe de ter gado lanigero, suíno e caprino seja abolida. Já enviaram um abaixo assinado com 300 assinaturas ao Ministro da Agricultura, a luta continua.

Olhão — Operários agrícolas desta região, em Abril, declararam-se em greve reivindicando aumento de salários. Ao fim de dois dias de greve foram chamados ao trabalho com o aumento exigido.

Quarteira — Os reideiros da propriedade do Morgado, que nunca abandonaram as terras, continu-

am a semeá-las, não temendo as ameaças.

Nesta mesma quinta em Maio, seguindo o exemplo dos pescadores, um grupo de operários agrícolas pôs-se em greve, reivindicando assim o horário das 8 horas que ainda não tinham. Decorridos dois dias conquistam a sua reivindicação. Alguns dias depois os mesmos trabalhadores voltaram novamente à greve por melhores salários que também teriam conseguido.

Lagos — Os operários agrícolas desta região conquistaram nas ceifas salários de 70\$00 e 80\$00 diários. Foi também conquistado na região o horário das 8 horas que ainda não existia.

Odeixeire (Algarve) — As mulheres que trabalhavam nos arrozais, seguindo o exemplo dos valentes pescadores, declararam-se em greve por aumento de salários. Passados 2 dias o patrão mandou-as chamar pagando-lhe os 3\$00 que elas reivindicavam.

Avante na luta, valentes trabalhadores do campo. O governo fascista e os exploradores estão de mãos dadas. Ajudam-se uns aos outros mutuamente. Não podemos esperar de braços cruzados que eles nos satisfaçam as nossas reivindicações, porque isso nunca acontecerá. Só a nossa luta unida e corajosa os pode forçar a ceder. São as lutas pequenas, como a do jovem de Cachopos que não se submeteu a fazer serão, passando pelos de Santiago que não trabalharam pelo preço miserável que a Câmara lhes queria pagar, até à luta dos valentes trabalhadores de Olhão, Quarteira, Lagos e Odeixeire, que se declararam em greve por melhores salários e horário das 8 horas, que nos dão o exemplo. Este é o caminho mais curto que os trabalhadores tem a seguir para acabar com os exploradores e o fascismo.

EM FRANÇA O TRABALHO DURO É PARA O PORTUGUÊS!

Nos últimos tempos, devido ao agravamento das condições de vida no nosso país, a emigração para o estrangeiro tem sido alarmante. Uns para fugirem ao peso do desemprego e da miséria, outros às guerras coloniais e ainda outros à repressão, tais são os motivos, que têm levado centenas de milhares de portugueses, a abandonarem a pátria.

continua na 3ª pág.)

MAIS UMA VITÓRIA DOS PORTUGUESES NA FRANÇA



(continuação da 2ª pag.)

Maria da Piedade Gomes foi libertada. Esta valente patriota depois de presa, condenada e ter cumprido já um período de 3 anos de «medidas de segurança» a Pide, raivosa de seu marido, Joaquim Gomes, membro do C.C. do Partido Comunista Português, ter fugido do forte de Penche, de novo lhe renovou novo período de 3 anos. Desta maneira a Pide se preparava para mantê-la indefinidamente na prisão apesar de gravemente doente. Mas, em socorro de Maria da Piedade Gomes se ergue a voz do povo português, protestando das mais variadas formas; em seu socorro se ergue igualmente a voz

da classe operária e forças progressivas de todo o Mundo. Emissoras, jornais, não mais param de apelar para a sua libertação.

O salazarismo, vendo o turbilhão de vozes que dia a dia mais se avolumava, não teve outra saída senão libertá-la.

A libertação de Maria da Piedade Gomes depois da de Manuel Rodrigues da Silva e Ivone Dias Lourenço, mais uma vez nos vem confirmar que podemos arrancar outros presos às garras do fascismo.

Manuel Guedes, eis outro patriota que é necessário libertar. Lançemo-nos na companhia pela sua libertação.

A JUVENTUDE UNE-SE

Em Moscovo, em Setembro, reuniu-se o Forum Mundial da Juventude e dos Estudantes, participando nele mais de mil delegados de 126 países, abrangendo todos os continentes.

Após 9 dias de animada e entusiástica discussão o Forum adoptou por unanimidade, uma importante declaração, de que aqui reproduzimos apenas algumas passagens.

«Nós, representantes da nova geração, estamos decididos a lutar contra todos os inimigos da paz, da liberdade e da dignidade humana; «diz ainda a declaração que em nome dos grandes objectivos, tudo será feito para que o Forum ajude a estreitar ainda mais as fileiras e a fortalecer a solidariedade dos jovens de todos os continentes que lutam contra a opressão Nacional e social, o imperialismo e a guerra.

A declaração do Forum exorta ainda a fortalecer a solidariedade com os povos e jovens que se mantêm na luta Nacional libertadora de armas na mão e por outros meios. Exorta a que seja dada uma contribuição à luta dos povos e jovens dos países que ainda permanecem sob o domínio de governos reaccionários e fascistas em prol da democracia. Exorta a luta enérgica contra a ameaça duma nova guerra Mundial, pelo desarmamento universal e completo, pela proibição das armas nucleares, pela cessação de todas as experiências nucleares, pela liquidação das bases militares estrangeiras, e pelos princípios da coexistência pacífica de países com regime so-

ciais diferentes. Termina com um apelo à Juventude de todo o mundo queerre fileiras.

Toda a Juventude rejubila com esta importante declaração, e em particular a Juventude dos países oprimidos, tal como o nosso. O salazarismo tudo fez e faz para que a declaração do Forum não fosse nem seja conhecida pela nossa Juventude.

Mas, «O Camponês» jornal dos trabalhadores do campo, e em que se contam milhares de jovens, mais uma vez quebra o silêncio salazarista, informando a Juventude de tão importante acontecimento.

Jovens do campo, cerrai também fileiras; lutai sem desfalecimento por melhores salários, melhores condições de vida, pelo derubamento do fascismo.

Tem sido no campo onde se tem notado mais este exodo. Tem sido por vezes tão alarmante a saída de trabalhadores do campo de certas regiões, ficando só mulheres, velhos e incapacitados, que o próprio «Seculo» frequentemente tem sido obrigado a falar nestes casos, apontando até regiões sem braços para os trabalhos do campo.

Para se ter uma ideia do que tem sido a fuga para o estrangeiro basta olhar para o que diz o jornal Francês, «Les Echos» jornal especializado em assuntos económicos. Diz este jornal que dos operários estrangeiros estabelecidos em França 30%, são portugueses e não conta com os que não têm documentação. Diz ainda o jornal que os trabalhadores portugueses se empregam essencialmente em trabalhos duros.

Num inquérito feito junto das entidades patronais revelou que estas preferiam os portugueses, pois os consideram corajosos, sociáveis, e pouco exigentes no que se refere ao salário.

Nós diríamos antes que as entidades patronais preferem o trabalhador português, porque sabem as condições que o salazarismo lhes oferece no país, porque sabem que muitos estão ilegais, aproveitando-se assim duns e doutros para lhes impingir os trabalhos mais duros e os explorar desumanamente.

AUXÍLIO A «O CAMPONÊS»

Correspondendo ao apelo de «O Camponês» para que o ajudem financeiramente, continuam a chegar à redacção rubricas de amigos que hoje publicamos.

Amigos de «O Camponês» continuam a enviar auxílio ao nosso jornal

Pinheiro vermelho.....	20\$00
Viva Khruschchev.....	20\$00
Volvoine II.....	20\$00
Adiante Camponês.....	20\$00
Agonia fascista.....	40\$00
Quatro camponeses.....	80\$00
Helena Magro.....	20\$00
Lista nº 77.....	10\$00
Total	230\$00

PORQUE FLORESTAS E NÃO TRIGAIS?

«Durante dezenas de anos toda a politica do governo foi no sentido do fomento da extensão, do «encorajamento» da cultura do trigo. De repente o governo resolve, «desencorajar» a cultura do trigo e reduzir a sua área. De pé para a mão, ao Sul do Tejo a cultura agrícola do sequeiro é reduzida em um milhão e 200.000 hectares e a floresta é aumentada em 2 milhões e 500.000 hectares. Que pretende agora o governo ao plantar florestas? Pretende apenas satisfazer as exigências do capital industrial e monopolios estrangeiros, que pretendem criar no Sul grandes fábricas de celulose e outras, utilizando a madeira como matéria prima. Pretende por outro lado «expropriar os pequenos agricultores dando as suas terras como «não aptas» para a cultura do trigo e entregar o monopólio da cultura deste cereal aos maiores lavradores.

Com a politica de «encorajamento» da cultura do trigo durante 20 anos, concedendo subsídios aos grandes lavradores, o governo teve em vista liquidar muitos pequenos proprietários; agora com a politica florestal o mesmo se tem em vista, os grandes passaram a ser mais grandes e os pequenos a desaparecerem, pois não poderão semear as terras ex-florestas e esperar anos que elas cresçam para poderem vender a madeira.

Enquanto o governo traídor à pátria se mantiver no poder, a situação dos pequenos agricultores é sem esperança.

Só a luta organizada de todos os pequenos agricultores poderá impedir o salazarismo de os liquidar definitivamente. Só a sua luta unida a todo o povo, poderá apressar o fim da tirania, e voltar a esperança de dias melhores aos seus lares.

Sabias...

Que a terra em Portugal está nas mãos duns tantos par-sitas? Isto sabias concerteza, mas saberás outros pormenores, além de estares todos os dias em contacto com a terra? Talvez não. Por exemplo. Sabias tu...?

— Que existem ainda 1.500.000 hectares de terra que não são cultivados, mas que o podem ser?

— Que esta terra distribuída dava para 150.000 camponeses, calhando a cada um 10 hectares?

— Que existem em Portugal 2.698 explorações agrícolas de 100 a 500 hectares; quinhentas de 500 a 1.000 hectares; trzentas e cinquenta e sete de 1.000 a 5.000 hectares; e onze de 5.000 a 20.000 hectares?

— Que cada ano aumenta de 2 a 3 mil o número de hipotecas?

— Que emigram de Portugal, sem contar para as colónias, anualmente 25 a 55 mil pessoas, dos quais 90% são das regiões de pequena propriedade, onde existe, portanto, maior miséria?

— Que a produção anual média de trigo em Portugal é de 8 quintais por hectare, enquanto na U.R.S.S. é de 30 e 40 quintais?

— Que nos 35 anos de fascismo devem ter desaparecido 200 a 500 mil camponeses passando para as fileiras do proletariado? Mas mesmo sem dados, sabes que a tua vida cada vez se torna mais negra, cada vez tens mais preocupações quanto ao dia de amanhã, e cada vez vês subir mais o que compras e descer o que vendes. Porque acontecerá isto? Porque a política salazarista defende apenas os interesses dos grandes agrários e senhores do capital em prejuízo dos trabalhadores e camponeses.

Enquanto houver fascismo, a vida dos que trabalham a terra não melhorará. Ela só melhorará quando o derrubamento do governo fascista se tornar uma realidade e for substituído por outro que leve a cabo uma reforma agrária, como o Partido Comunista Português preconiza, «a terra deve pertencer a quem a trabalha».

Camponês amigo, une-te com devoção à luta que todo o povo trava para o derrubamento do fascismo, fazendo-o, as tuas preocupações quanto ao futuro deixarão de existir.

Nas terras onde não existem praças de jorna, os agrários em substituição destas, utilizam os manejeiros na aquisição de pessoal para os seus trabalhos. Pela altura das mondas, ceifas e outros trabalhos em que é necessário um maior número de trabalhadores, lá aparecem os manejeiros nas localidades, por conta dos agrários, procurando enganar os trabalhadores. São em geral as mulheres que mais caem na armadilha.

Que interesse tem o manejeiro neste trabalho? Ganha normalmente mais um escudo; o agrário deixa ir a mulher para a cocaria e o filho, se o tem, para aguadeiro, serviços em que pouco fazem. No fim da contrata dá-lhe umas milhaginhas como gratificação.

E é por esta ridícula vantagem em relação aos outros trabalhadores, que os manejeiros traem a sua classe. É unicamente servindo os agrários que os manejeiros nas

localidades iludem os trabalhadores dizendo que irão ganhar tanto como os outros patrões pagarem; que é tanto tempo e torra-se tanto, etc. Assim que chegam ao trabalho começam a fazer pressão para que os trabalhadores trabalhem a ritmo acelerado e fazendo resistência para que não recebam o combinado.

Senhores manejeiros, vós com a vossa tração, estais a ser um tampo entre trabalhadores e exploradores; estais a fazer com que a nossa luta, por vezes, seja dirigida contra vós e não contra os verdadeiros exploradores, os patrões.

A nossa luta não pode continuar a ser traída. Estais a tempo de arrepiar caminho caso queirais, de contrário, caso persisteis a tentar iludir-nos, a nossa unidade não se fará esperar. Nós trabalhadores e em particular nós, mulheres, passaremos a acompanhar-vos mais de perto para ver como procedeis de futuro.

Cartas Dos Leitores

O regime de Salazar, é o regime de tirania criado pela arbitrariedade que pretende matar a fome a classe trabalhadora e que tenta esmagar, por todos os meios, todos os portugueses lesados que lutam contra os grandes capitalistas, agrários e industriais.

Depois de serem forçados a darem-nos as 8 horas, por pressão das nossas organizações rurais, levantam contra nós tudo o que podem, para não nos darem trabalho. Recorrem à química na agricultura, reduzem ao mínimo o número de operários, ameaçam-nos com a G.N.R., não exitando esta a fazer as maiores atrocidades, etc. Mas, nenhuma destas injustiças são suficientes para nos forçar a parar a luta.

O nosso ódio aumentará cada vez mais enquanto virmos na frente bandidos e exploradores como: Adeli-

no da Silva, produtor de sal, que qualifica as suas propriedades como colónias penais; José Fernandes; Amaral; Falcão; José Marcelino; Dr. Gerre, todos do concelho de Alcácer-do-Sal. É precisamente pelas grandes propriedades estarem nas mãos destes e doutros da sua igulha que 135 hectares de terra ficaram por cultivar no Monte da Pedra, só para não darem as 8 horas aos trabalhadores; que os senhores da Comporta criam leis das mais indignas, por exemplo, não permitindo a um trabalhador recolher uma pessoa de família na sua cabana, sem autorização do guarda florestal.

Trabalhadores, é tempo de começarmos a ver isto, temos que intervir, desmascarar as mentiras, acabar com a ocupação.

Um trabalhador

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Todos Os Dias

Das 7 às 7,30 em 50 metros; das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45, em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 36, 40, 43, metros.

A emissão dos domingos para os camponeses deve-se das 12 às 12,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.